



História. Tanques do Exército em Laranjeiras em 1º de abril de 1964: gravações de Geisel (abaixo) ajudam a entender o papel dos antecessores em sentido horário. Castelo Branco, Costa e Silva e Emílio Médici

BERNARDO MELLO FRANCO
bernardomellofranco.com.br

60 ANOS DA DITADURA

AS VOZES DO GOLPE COM ÁUDIOS INÉDITOS, PODCAST DA CBN REVELA BASTIDORES DO REGIME



A um mês de subir a rampa do Planalto, Ernesto Geisel recebeu seu futuro ministro do Exército, Dale Coutinho, para uma conversa no Rio. Os dois generais começaram tratando de amenidades. Depois chegaram ao que interessava: a repressão à esquerda armada, que havia chegado ao ápice no governo Emílio Médici.

—O negócio melhorou muito. Agora, melhorou, aqui entre nós, foi quando nós começamos a matar. Começamos a matar —sublinhou Coutinho.

—Porque antigamente você prendia sujeitinho lá para fora —emendou Geisel. — O Coutinho, esse troço de matar é uma barbaridade, mas acho que tem que ser —prossiguiu.

O diálogo, gravado em 16 de fevereiro de 1974, mostra como a ditadura militar transformou o extermínio de presos políticos em política de Estado. A conversa foi revelada pelo jornalista Elio Gaspari no livro "A ditadura derrotada", de 2003. Vinte e um anos depois, o público poderá ouvi-la pela primeira vez em "A ditadura recontada": As vozes do golpe", série original do Globoplay produzida pela CBN.

O podcast é baseado nos cinco volumes em que Gaspari narra a ascensão e o ocaso do regime dos generais. Para que a história pudesse ser contada em áudio, o jornalista do GLOBO abriu seu valioso acervo, com mais de 300 horas de gravações inéditas.

Nas fitas, Geisel revela segredos da caserna, admite a

tortura nos porões e fala sem reservas sobre outros presidentes da ditadura.

Castello Branco, seu aliado, é descrito como "corcunda", "metido à literato" e "aluno mediano". Costa e Silva, seu desafiado, desponta como "preguiçoso" e "ideante". O general Médici, que chefiou o período mais brutal da repressão, aparece melhor na fita.

Ele foi o único sujeito capaz de levar a revolução para o povo —elogia Geisel.

Referia-se à popularidade do antecessor, que estimulou o fanatismo, colheu os louros do "milagre brasileiro" e se beneficiou do ambiente de censura e repressão.

O primeiro capítulo da série estreia hoje nas principais plataformas de áudio. Trata da conspiração que culminou no golpe de 1964 e inaugurou um longo período de 21 anos de ditadura. A história é narrada nas vozes dos



—Crio ter sido o único homem do mundo que desencana uma revolução de pijama —gabou-se, tempos depois. À quetelada deu as primeiras pistas de que os generais não estavam tão organizados quanto gostariam de parecer. — Eles participaram da deposição do Jango em nome do combate à esquerda e da disciplina militar. No dia da queda do Jango, essa disciplina começou a ser violentada —constata Gaspari.

O GRANDE IRMÃO

O jornalista também analisa a participação dos EUA no golpe. Áudios liberados pela Casa Branca mostram que a hipótese de apoiar um golpe no Brasil já era cogitada desde julho de 1962. O presidente John Kennedy, que seria assassinado no ano seguinte, discutiu o tema duas vezes com o embaixador Lincoln Gordon. —A participação dos ame-

ricanos no golpe está envolvida numa nuvem. Uma coisa é certa: o golpe prevaleceu sem a participação de um único militar americano. Agora, os americanos tinham interesse no golpe? Sem a menor dúvida —diz Gaspari, que classifica o 31 de março como um "acontecimento brasileiro".

—O Lincoln Gordon é um dos personagens mais trágicos desses dias. Ele carregou pela vida toda a marca da participação no golpe. Morreu em 2009, aos 96 anos. E, no memorial fúnebre, a filha criticou sua participação no golpe no Brasil —acrescenta.

Instalados no governo, os militares rasgaram a promessa de devolver o poder aos civis. Cassaram mandatos, extinguiram os partidos políticos e sufocaram as liberdades civis com a edição do AI-5, que fechou o Congresso e impôs a censura prévia. Sem eleições dire-

tas, os presidentes passaram a ser escolhidos em reuniões fechadas nos quartéis.

—Não existe um único documento que mostre de onde saiu a maioria para eleger o Médici. Ouseja: o povo não sabe votar, mas os generais também não —ironiza Gaspari. Empossado dez anos depois do golpe, Geisel deu a partida no lento processo de abertura, que só terminaria com a eleição indireta de Tancredo Neves, em 1985. Em "A ditadura recontada", Gaspari resume sua visão do que teria levado um dos arquitetos da ditadura a iniciar seu desmonte.

—O que o Geisel queria era acabar com a bagunça. Ele não cansava de repetir que não foi movido por vocação democrática. Era contra eleição direta para presidente e achava que o Congresso não deveria se meter no Orçamento. Agora, bagunça no quartel, de jeito nenhum.

Produção usou IA para recuperar diálogos de Geisel

Baseada em livros de Elio Gaspari, série recorreu à tecnologia para trazer a público gravações feitas por generais antes de assumir o poder

A partir de 1984, o jornalista Elio Gaspari manteve uma rotina de conversas regulares com o general Ernesto Geisel. Os encontros ocorriam às terças-feiras no apartamento do ex-presidente, em Ipanema. Pelo trato entre os dois, Gaspari perguntava a que quisesse, mas só podia levar suas anotações. Geisel ficava com as fitas, que guardava numa mesinha ao lado do sofá.

Depois que o general morreu, em 1996, sua filha, Ana-

lia Lucy, procurou o jornalista. Quería entregar 12 cassetes, de 90 minutos cada. O material ajudaria o jornalista do GLOBO e da "Folha de S.Paulo" a escrever sua obra em cinco volumes sobre a ditadura militar.

As entrevistas estão no podcast "A ditadura recontada: As vozes do golpe", produzido pela CBN e lançado hoje pelo Globoplay. A série também revela outro tesouro do acervo de Gaspari: gravações feitas pelo próprio

Geisel entre outubro de 1973 e março de 1974, quando recebeu a faixa presidencial.

Ao longo de seis meses, o general registrou suas principais reuniões e conversas ao telefone. Depois, o material seria confiado a Gaspari por Heitor Ferreira, secretário particular de Geisel.

Para preservar as cerca de 220 horas de diálogos, o jornalista converteu as fitas magnéticas em CDs. Depois converteu os CDs em arquivos digitais. Nada se perdeu, mas a

qualidade do áudio sofreu os efeitos da passagem do tempo.

Agora o problema foi resolvido com a ajuda da inteligência artificial. Usando a tecnologia, a equipe do podcast re-mixou ruídos e conseguiu recuperar as vozes da ditadura.

—Ele permitiu que a equipe tivesse acesso pleno a seus arquivos. Os áudios foram ouvidos, selecionados, contextualizados e re-trabalhados. Como são gravações de décadas atrás, em alguns momentos tivemos

de usar a inteligência artificial para recuperá-las, torná-las compreensíveis. Essa é a precisidade a ser dividida com a audiência —diz o jornalista Plínio Fraga, que supervisionou o roteiro, pesquisa e edição da série.

O trabalho começou em maio de 2021 e mobilizou diretamente 12 pessoas. Ficou pronto a tempo do aniversário de 60 anos do golpe de 1964, a ser lembrado neste domingo.

A direção executiva é de Pedro Dias Leite, diretor da

CBN, com pesquisa de Helena Dias e apresentação de Nadedja Calado. O próprio Gaspari participou de todas as etapas do projeto.

—A narrativa que ele estabeleceu ali guiou a produção dos roteiros de cada episódio. Tentamos ser fiéis e, por vezes, até mesmo literais à sua premiada obra —conta Fraga.

O resultado poderá ser ouvido em seis capítulos, a serem lançados toda quinta-feira nas plataformas de áudio. O primeiro episódio marca mais uma novidade na carreira de Gaspari, iniciada aos 19 anos no semanário Novos Rumos. Aos 80, comemorados discretamente na sexta passada, o jornalista faz sua estreia no mundo dos podcasts.